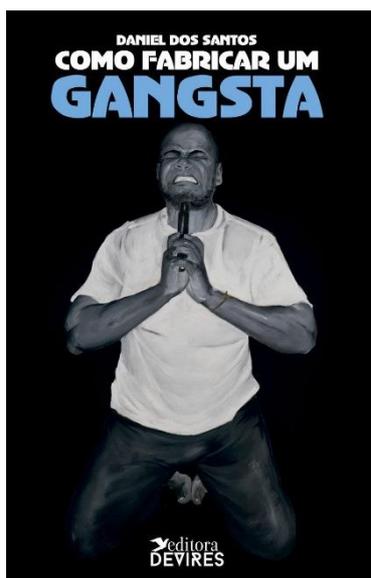


PERFORMANCES NA ENCRUZILHADA:
masculinidades negras e os estereótipos do *gangsta rap*

*Tiago Cazarim
Jadson Chagas*

RESENHA



SANTOS, D. S. **Como fabricar um gangsta:**
masculinidades negras nos videoclipes de Jay-Z e 50
Cent. Salvador: Devires, 2019.

Como fabricar um gangsta: masculinidades negras nos videoclipes de Jay-Z e 50 Cent, do pesquisador baiano Daniel dos Santos (2019), é um livro pioneiro nos estudos brasileiros sobre rap e cultura hip-hop. Merece destaque, de início, a opção do autor em abordar o subgênero gangsta, muitas vezes relegado em detrimento do rap “consciente” (que hegemoniza as pesquisas brasileiras sobre o gênero musical). Além disso, o pioneirismo do trabalho se dá também pela abordagem de artistas estadunidenses consumidos em nível global, embora ainda pouco analisados academicamente no Brasil. Esses dois aspectos fornecem um

quadro mais amplo dos desenvolvimentos históricos do rap para o público brasileiro e se mostram como méritos importantes da pesquisa de Santos.

Um terceiro aspecto diferencial da obra é a opção de Santos pela discussão de um corpus de dados audiovisuais em vez de realizar uma análise contextual de letras de música, procedimento este que orienta boa parte das pesquisas brasileiras. A decisão de não converter a pesquisa em uma reconstrução histórica integral da cultura hip-hop dos Estados Unidos se atrela à concepção de Daniel dos Santos sobre a pletora de expressões culturais que constituem o universo hip-hop, ultrapassando muito a clássica divisão em quatro “elementos” (MC, DJ, grafite, break dance) para incorporar aquilo que o autor denomina cinema hip-hop. É no cinema hip-hop, portanto, que Daniel dos Santos se detém para discutir a formação e o significado das masculinidades gangsta no rap dos Estados Unidos.

Após uma Introdução, o livro de Santos se divide em duas grandes partes. Na primeira, são apresentadas as origens históricas políticas e culturais da figura gangsta. Segundo Santos (2019, p. 42),

Gangsta Rap é um termo criado pela mídia e pela indústria fonográfica para identificar o subgênero de rap que surgiu no fim da década de 1980 nos Estados Unidos. [...]o *Gangsta Rap* caracteriza a vertente mais extrema do rap, pelo fato de suas letras descreverem o cotidiano violento dos jovens

e tenderem à crítica social, como também promoverem a promiscuidade, o vandalismo, a desobediência e o desrespeito às autoridades e instituições de poder.

Ainda segundo o autor, dentre os ingredientes do caldo político e cultural no qual o *gangsta* foi gerado encontramos a estética cinematográfica *blaxploitation*, ações governamentais neoliberais e de endurecimento do Estado penal e policial da era Reagan, um profundo niilismo quanto à possibilidade de transformação da realidade, mudanças no urbanismo do Los Angeles (uma das cidades onde o *gangsta rap* emerge), certos arquétipos culturalmente disseminados (*pimp*, *boss/businessman*, *playa* e o homem hipersexualizado) bem como o surgimento e proliferação do consumo do crack. Nesse contexto, o *gangsta rap* é pensado por Daniel dos Santos como espécie de denúncia niilista da sociedade estadunidense em que a ostentação de bens materiais, a positividade da vida no crime e o tráfico de drogas ilícitas se mostram como vias de ação desejáveis em canções e representações imagéticas.

Ainda na primeira parte do livro, Santos destaca que a produção e a recepção da estética *gangsta* traçam diálogos com grades de leitura socialmente estabelecidas acerca das performances de gênero de homens negros. Caracterizadas sobretudo como aquilo que o autor denomina “lentes demonológicas” (SANTOS, 2019, p. 61), tais sistemas signos e interpretações pressupõem traços estereotípicos para os comportamentos de homens negros tais como um caráter abjeto, agressivo e animalizado deles. Santos (2019, p. 65) entende que “os estereótipos são assumidos como tipos sociais rígidos, extremamente bem definidos, herméticos e inalteráveis, regras que não permitem transgressão ou subversão”. Nesse contexto, tal sistema de representação, do qual tanto a estética *gangsta* quanto seus detratores se valem, funcionaria para cristalizar imagens estereotipadas e dominar masculinidades contra-hegemônicas, mantendo a hegemonia heteronormativa dos homens brancos sobre sujeitos negros, mulheres e pessoas LGBT.

Na segunda parte do livro, são analisadas as convenções estilísticas e temáticas que regem produções audiovisuais do *gangsta rap*, com destaque aos trabalhos dos rappers 50 Cent e Jay-Z. A análise, nesta parte, aprofunda o questionamento das representações estereotipadas das masculinidades negras, bem como masculinidades hegemônicas, para apresentar o *gangsta* como masculinidade contra-hegemônica (SANTOS, 2019, p. 132). Contribuem ainda para a caracterização da estética *gangsta* a análise do autor a contraposição do *gangsta* ao estereótipo do “negro respeitável” (*black sidekick*, a presença de representações que enfatizam o aspecto atlético dos corpos masculinos negros, além da relação de propriedade do *gangsta* com “suas” mulheres.

A conclusão do livro se dá como reflexão autoral sobre os limites da estética *gangsta* para o enfrentamento dos regimes de estereotipação de gênero e raça dos homens negros. Daniel dos Santos parece bastante cético quanto ao potencial transformador dos *gangsta rappers* quando afirma que “suas masculinidades me violentam profundamente em suas dimensões simbólicas através das práticas de machismo, sexismo e LGBTfobia, incitadas pelo regime de heterossexualidade compulsória” (SANTOS, 2019, p. 178 – 179). De fato, um dos pontos altos de seu livro é apresentar uma leitura dos regimes de representação de masculinidades negras que não se contenta em simplesmente condenar a estética *gangsta*, mas tampouco recai numa afirmação acrítica dos estereótipos que ela pode ajudar a cristalizar e amplificar. É nesse sentido que Daniel dos Santos contrapõe o estereótipo dos homens

negros como violentos e cujas relações com suas parceiras só se dão no registro da posse (dos corpos femininos e do interesse das mulheres nos bens materiais dos homens) a um *projeto político alternativo* pautado no afeto como estruturante das masculinidades negras.

Se os clichês *gangsta* são entendidos por Daniel dos Santos também pelo viés da teoria da performatividade de gênero da filósofa Judith Butler, caberia talvez lançar algumas questões para pensar mais a fundo algumas conclusões de seu livro. A temática da paródia em Butler, que Santos discute na segunda parte do livro, surge precisamente no contexto de uma discussão sobre os efeitos adversos e inesperados de performances de gênero que beiram caricaturas, como o caso das *drag queens* e os “supermachos”. A conclusão de Butler é que a hipérbole de uma norma poderia mostrar justamente sua *falência e impotência* como projeto de totalização de performances de gênero. Não caberia, então, uma nova leitura sobre a conclusão de que as representações hegemônicas, materializadas em estereótipos de gênero e raça, são sistemas totalizantes que não permitem nenhuma brecha? As representações exageradas dos corpos negros masculinos não teriam, ao menos como um dentre tantos possíveis, o efeito de mostrar a falência da heteronormatividade, da sociedade de consumo, das políticas de encarceramento de massa, do niilismo? Não seria necessário pensar mais se os clichês apenas cristalizam e potencializam estereótipos, ou se, eventualmente, eles também não seriam ocasiões para denunciar de forma virulenta o regime de estereotipagem? Se a teoria da performatividade de Butler é invocada num momento crucial desta obra, talvez ela traga mais problemas ao autor que afinidades com algumas das conclusões deste – algo que, de forma nenhuma, invalida seu empreendimento, mas que lhe abre problemas a serem desdobrados.

Por fim, apontamos que a opção metodológica pela análise de videoclipes possui seus bônus e ônus. A vantagem de tal perspectiva é conceber o rap como gênero musical *performático*, para além das análises estritamente histórico-sociológicas contextuais de suas letras de música. *Como fabricar um gangsta* tem, assim, o mérito de requalificar o rap como música em ato – ainda que no registro das performances de estúdio.

Por outro lado, entendemos que há duas lacunas que a obra não preenche. A primeira diz respeito aos elementos *sonoros* do rap, que são deixados de lado na maioria das páginas de *Como fabricar um gangsta*. A segunda lacuna é sobre outras tradições culturais com as quais o *gangsta rap* pode dialogar ou, ao menos, ser comparado para uma contextualização mais ampla de seus aspectos estilísticos e sentidos sociais e políticos. Nesse sentido, talvez a concepção do rap como gênero musical, literário e performático trágico (BANKS, 2010) ou satírico (ROSEN e MARKS, 1999), em comparação com outras tradições literárias e dramáticas, poderia fornecer um quadro mais amplo da sua singularidade política e cultural, além de auxiliar na problemática da performatividade dos estereótipos de gênero.

Embora reforcemos que as lacunas acima não sejam “defeitos” do trabalho de Daniel dos Santos, pois sequer faziam parte de seu projeto intelectual (e nem teriam o dever de fazer), acreditamos que elas poderão fazer avançar as discussões sobre o *gangsta rap* para além dos lugares-comuns das pesquisas sobre rap no Brasil. Se as trazemos ao final desta resenha, é em reconhecimento da oportuna incursão do autor por um campo pouco explorado dos conhecimentos sobre o rap produzidos em nosso país até o lançamento de seu trabalho, para que novos aspectos deste tema continuem a ser explorados por outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

BANKS, D. From Homer to hip hop: orature and griots, ancient and present. **The Classical world**, v. 103, n. 2, 2010, p. 238 – 245.

ROSEN, R. M.; MARKS, D. R. Comedies of transgression in Gangsta Rap and Ancient Classical Poetry. **New literary History**, 1999, v. 30, p. 897 – 928.

Submetido e aprovado em outubro de 2019

Informações dos autores

Tiago Cazarim
Instituto Federal de Goiás
E-mail: cazarim.t@gmail.com

Jadson Chagas
Instituto Federal de Goiás
E-mail: jaddoson@gmail.com